

## **Mudará o clima, em Haia?**

### **As negociações da Sexta Conferência das Partes sobre Alterações Climáticas**

Em 1992, na famosa conferência do Rio, os países comprometeram-se a "estabilizar a concentração dos gases de estufa na atmosfera (...) para prevenir uma perigosa interferência antropogénica no clima". Aceitaram também a responsabilidade "comum mas diferenciada" dos países face ao aquecimento global. Assim foi com a aprovação da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas, hoje ratificada por 186 países e, portanto, perfeitamente operacional.

Infelizmente, porém, as boas intenções ficaram-se pelo papel. Nem o protocolo de Quioto, aprovado na cidade Japonesa com o mesmo nome, em 1997, e que impõe reduções específicas na emissão de seis gases de estufa para os países desenvolvidos, quebrou o gelo (ver caixa). Isto porque foram introduzidos vários "mecanismos flexíveis" como o "comércio de emissões", o "mecanismo de desenvolvimento limpo" e os polémicos "sumidouros de carbono" (ver caixa), perante uma União Europeia sem poder negocial, rendida aos interesses dos Estados Unidos e do Canadá, entre outros. Em bom Português, tais mecanismos mais não são do que formas engenhosas de evitar verdadeiras alterações às políticas seguidas, continuando desta forma o "business as usual", e permitindo mesmo o aumento de emissões. Como estes mecanismos não foram regulamentados em 1997, nenhum dos países industrializados ratificou o protocolo de Quioto. Em vez disso, estabeleceu-se como data limite para chegar a um acordo a 6ª Conferência das Partes (COP6) - a ronda negocial mais importante dos países signatários - que decorreu entre 13 e 24 de Novembro último em Haia, Holanda. Por isso a COP6 é tão importante e decisiva.

Mas até que ponto poderá a conferência ser um sucesso? Mesmo que seja alcançado um acordo, mesmo que os países se comprometam a reduzir as emissões, mesmo que os "mecanismos flexíveis" não funcionem como escapatória e que se estabeleçam sanções para os eventuais prevaricadores, ainda assim a redução estabelecida em Quioto de 5,2% entre 2008 e 2012, relativamente aos valores de 1990, não é suficiente. De facto, os cientistas apontam a figura de 60-80% para a concentração dos gases de estufa na atmosfera ser "apenas" o dobro da que existia na era pré-industrial. Por absurdo que pareça, mesmo os insignificantes 5,2% parecem estar em risco e dificilmente serão alcançados.

Em Haia estão presentes mais de 6000 pessoas (o "record" foi alcançado na conferência de Quioto, com mais de 10000 participantes!), incluindo ministros de mais de 160 países. A circundar o Centro de Conferências, os Amigos da Terra e mais 5000 voluntários de todo o mundo (incluindo o Presidente da Quercus, Francisco Ferreira) construíram arduamente um dique com um quilómetro de comprimento e metro e meio de altura. Até o Ministro Holandês do Ambiente e Presidente da COP6, Jan Pronk, ajudou os manifestantes e aceitou a oferta de um dos 50000 sacos de areia, que colocou na mesa do plenário simbolicamente.

Os Estados Unidos propuseram o uso ilimitado de créditos de emissão através dos "mecanismos flexíveis" o que, na prática, até lhes permitiria aumentar as emissões. A Europa, porém, quer limitar o seu uso e rejeitou a proposta. A intervenção de Jacques Chirac dia 20, discursando na sessão de abertura da 2ª semana negocial, foi contundente. "Cada norte-americano emite três vezes mais gases com efeito de estufa do que cada francês. (...) Apelo, assim, aos Estados Unidos para que ponham de lado as suas dúvidas e hesitações". A intervenção provocou algumas reacções pouco diplomáticas por parte de responsáveis norte-americanos.

Um acordo em Haia não vai significar certamente um Mundo livre de problemas climáticos - bem pelo contrário. Mas um falhanço nas negociações tornará o futuro incontornavelmente mais negro.

### Os "buracos" do protocolo - "mecanismos flexíveis"

Os mecanismos flexíveis foram introduzidos para facilitar o cumprimento dos objectivos de Quioto. Desta forma os países podem obter créditos de emissão que são descontados às emissões. Na prática, e como resultado directo, as emissões não diminuem: ou se mantêm ou aumentam. Por isso as associações ambientalistas e alguns países alegam que o recurso a estes mecanismos deve ser limitado e estritamente controlado.

Mecanismo	Aumento máximo de emissões possível através do mecanismo (milhões de ton por ano)
<p><b>Comércio de emissões ("ar-quente"):</b> as emissões dos países da ex-URSS diminuíram substancialmente com a queda do comunismo. Por exemplo, a Rússia emite hoje 37% menos do que em 1990. Logo, estes países têm um enorme crédito de emissões (o chamado "ar-quente") que poderia ser vendido a outros como os EUA, com custos 40 a 90% inferiores.</p>	170
<p><b>Sumidouros de carbono:</b> as florestas constituem enormes reservatórios de carbono já que, ao crescerem, o absorvem e incorporam nos seus tecidos. Os países do grupo "umbrella" advogam, assim, que a plantação de novas florestas deveria reverter em créditos de emissão. Este é o mecanismo mais polémico, já que as incertezas científicas quanto ao papel das florestas ainda é muito grande. Basta notar que, num incêndio florestal, o carbono sequestrado é novamente libertado para a atmosfera. Há ainda o perigo de os países substituírem florestas antigas, ricas em biodiversidade, por novas florestas mono-específicas, de crescimento rápido, e pobres em vida. Aqueles países querem ainda obter créditos de emissão por práticas agrícolas que consideram sumidouros de carbono mas que, de facto, já existem há décadas.</p>	<p>172 (manipulação das definições legais)</p> <p>504 (práticas agrícolas)</p> <p>170-415 (projectos de florestação)</p>
<p><b>Mecanismo de desenvolvimento limpo (CDM):</b> através do CDM os países industrializados poderiam obter créditos de emissão implementando projectos de desenvolvimento sustentado nas regiões mais carenciadas. A polémica</p>	119-440 (sem contar com projectos florestais)

roda em volta do que é aceitável como projecto. O regresso do nuclear? Grandes barragens? Centrais termo-eléctricas a carvão? Claramente, tais projectos não podem ser aceites. Uma outra forma de CDM é a chamada "implementação conjunta", que se processa entre dois países industrializados.	700 (contando com projectos florestais)
Total	740-3000 (incluido outros mecanismos não mencionados)

### O que está em jogo na COP6

- Implementação de limites no recurso aos "mecanismos flexíveis";
- As condições que um signatário deve satisfazer para poder trocar emissões;
- A participação do sector privado no comércio de emissões;
- Regras para evitar a venda excessiva de créditos de emissão;
- Regras para o regime de cumprimento do protocolo;
- O que fazer ao "ar-quente" da Rússia e da Ucrânia;
- Estabelecimento de uma taxa no comércio de emissões para criar um fundo de apoio à adaptação dos países menos desenvolvidos às alterações climáticas.

### Compromissos, emissões e projecções

- O último relatório do Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas (uma organização das Nações Unidas que reúne 3000 cientistas) prevê um aumento de 6°C da temperatura em 2100, segundo as projecções actuais. No anterior relatório, de 1995, o valor previsto era de 3,5°C.
- Cerca de 98% do dióxido de carbono emitido nos países industrializados provém da queima de combustíveis fósseis para produção de energia.
- As emissões de dióxido de carbono aumentaram 12 vezes de 1900 a 1990, e quase 4 vezes desde 1950.
- Os 8 países mais ricos do mundo são responsáveis por metade das emissões de gases de estufa.
- A concentração de dióxido de carbono na atmosfera é hoje 30% superior à existente antes da revolução industrial.
- Com apenas 4% da população mundial, os Estados Unidos são responsáveis por mais de 20% das emissões totais de carbono.

Países	Compromisso de Quioto (%) (emissões entre 2008-2012 relativamente a 1990)	Estimativa da variação das emissões entre 1990 e 2000 (%)
Estados Unidos	-7	+13
União Europeia	-8	0
Portugal	+27	+35
Alemanha	-8	-12

Reino Unido	-8	-5
França	-8	+7
Japão	-6	+10
Rússia	0	-26
Austrália	+8	+19

### Os vários grupos de interesse

**G77 e China:** inclui o grupo dos 77 países menos desenvolvidos e a Aliança dos Pequenos Estados Insulares, ou seja, aqueles mais susceptíveis às alterações climáticas. Países como os da OPEP, Brasil, Índia e Indonésia também estão nesta categoria. Pretendem que os países industrializados reduzam efectivamente as emissões e que os EUA contribuam para um fundo do Banco Mundial de apoio a projectos "verdes".

**Grupo "umbrella" (EUA, Rússia, Japão, Nova Zelândia, Austrália e Canadá):** propõem que as florestas, culturas agrícolas, projectos de florestação noutros países, etc., contem como créditos de carbono. Apoiam o comércio livre de "ar quente".

**União Europeia:** o grupo destes 15 países apoia a adopção de limites no recurso a "mecanismos flexíveis", de forma a que a emissão de gases de estufa seja efectivamente reduzida, e um controlo apertado no comércio de carbono.

Nuno Quental  
 22 de Novembro de 2000  
 cool@morango.esb.ucp.pt